

~Série~ *"História de Pessoas que Trabalham na JICA do Brasil"*

■ História nº 3 ■ Eri Taniguchi (funcionária local do escritório de Brasília)



"Recapitulando a minha vida até aqui, sinto que todas as pessoas que conheci e as experiências que tive se conectam com o que sou hoje.

Estou certa de que essas pessoas e experiências foram necessárias para que eu pudesse trabalhar aqui no escritório Brasília."

Quatro anos e meio se passaram desde que Eri foi contratada pela JICA Brasília. A tenacidade e disciplina inatas, o empenho e a criatividade permanentes para melhorar a qualidade do seu trabalho foram reconhecidos e foi selecionada para o cargo de Coordenadora Geral de Projetos. Ela conta o significado de trabalhar na JICA, enquanto recapitulou a sua vida até hoje.

Nasceu e cresceu na cidade de Noda, província de Chiba.

Veio de uma família onde ambos os pais trabalhavam, fato raro na época. Seu pai era engenheiro, sua mãe atuava na área musical. No lugar da mãe ocupada, cuidava bastante dos dois espletados irmãos menores. Uma irmã firme e cuidadosa.

No Ensino fundamental e no médio, participou dos grupos escolares de música de sopro, onde era responsável por instrumentos como o trompete e o trompa. Em paralelo, aprendia piano. Influenciada pela sua mãe, Eri fascinou-se pelo mundo da música. No ensino médio, foi até natural que se preparasse para prestar o vestibular para uma faculdade de música.

Porém, o contato com um programa de rádio mudou drasticamente a trajetória da sua vida: o "Saúde! Saudade!" apresentado pela cantora brasileira Lisa Ono.

"Na época, era raro poder ouvir Bossa Nova, e fiquei completamente possuída pelos atrativos da música, e com o tempo, passei a me fascinar pelo Brasil."

Assim, Eri optou pelo curso de Português na Faculdade de Línguas Estrangeiras. Nesse ínterim, veio a UnB como bolsista num programa de intercâmbio. "Foi um desafio acompanhar os estudos, mas foi muito estimulante. Enquanto pessoas mais abastadas como burocratas e políticos moravam no centro de Brasília, era só se afastar um pouco de lá e ir para o subúrbio para que se espalhassem regiões com moradias e infraestrutura social vulnerável. Não era com o Rio ou São Paulo, onde mansões ficavam ao lado de favelas. As elites dissociadas da vida das pessoas pobres - isso é Brasília. Eu me lembro de ter ficado estranhamente persuadida pela definição de que "Brasília é uma versão reduzida da sociedade brasileira".

A bolsa de estudos foi curta - dez meses -, mas a vida em Brasília transformou a visão de vida de Eri: ela passou a querer aprender mais sobre a sociedade brasileira.

Depois de formada, foi para a pós-graduação, pesquisando sobre Políticas de Desenvolvimento Social. Sua tese de mestrado versou sobre moradias para famílias de baixa renda. Chegou a iniciar o doutorado, mas agora queria buscar oportunidades para praticar o conhecimento lógico que adquirira, passando então a adquirir experiência de campo na cooperação internacional, participando de um programa de estágio no Banco Interamericano de Desenvolvimento, entre outras iniciativas, como trabalhando dois anos Embaixada do Japão no Brasil como pesquisadora especializada na área econômica. Nesse ínterim, foi convidada pelo Representante-Chefe no Brasil do JBIC (Banco de Cooperação Internacional do Japão, cuja área de financiamento ao desenvolvimento mais tarde se fundiria com a JICA) para trabalhar nessa instituição.

O trabalho desse representante já havia causado antes uma forte impressão em Eri, posição na qual viaja aos mais diversos pontos do país para prospectar novos projetos com agilidade e leveza que a fascinavam.

Esse foi o mote para candidatar-se e conseguir a posição de Pesquisadora Especializada junto à sede da instituição em Tóquio. "Posso dar o meu primeiro passo rumo à Cooperação Internacional", pensou.

Assim teve início a relação de Eri com a JICA. Tinha ela então 27 anos. O primeiro trabalho da qual ela foi encarregada no JBIC foi o Projeto de Desenvolvimento do Porto de La Unión, em El Salvador. O empreendimento vultuoso de mais de 10 bilhões de ienes tinha enormes desafios, para os quais ela foi demandada a dominar o trabalho de forma autônoma enquanto observava como os mais veteranos faziam. Mais tarde, com a reorganização administrativa dos órgãos públicos, foi transferida para a JICA, onde permaneceu na Divisão América do Sul e Central até se desligar em março de 2010. Foi um período com muitos desafios, onde vivenciou atividades nas mais diversas frentes. O mais complicado foi o que envolveu a assistência emergencial ao grande terremoto ocorrido no Chile. Dia após dia, só conseguia voltar para casa no último trem do dia, e na manhã seguinte precisava embarcar no primeiro para conseguir dar conta do serviço. "Mas foi graças àquelas dificuldades que sou hoje a pessoa que sou. Aprendi muita coisa", declara com convicção.

Depois de sair da JICA, foi para uma grande indústria eletrônica japonesa, onde foi admitida

para integrar uma equipe de projeto envolvida com a expansão dos negócios no Brasil. Além dos serviços no Japão, realizava viagens ao país que duravam meses, quando enfrentava os procedimentos complexos e os ajustes necessários para a atuação local. Os resultados obtidos, porém, lhe proporcionaram uma forte sensação de gratificação.

Mais tarde, transferiu-se para uma empresa de consultoria. Aqui também um mundo exigente estava à sua espera: responsável por pesquisas internacionais para os setores público e privado, trabalhou em projetos envolvendo diversos países. Além de extremamente atarefada de dia, em certos momentos as reuniões de alinhamento começavam tarde da noite para só terminarem de madrugada. "Eu percebia dolorosamente a minha imaturidade, e não foram poucas vezes em que me senti psicologicamente acoçada. Só que vindo em perspectiva, toda aquela experiência também está conectada com o que sou hoje. Foi um período de crescimento!", relembra sorrindo.

Em 2013, Eri casou-se com o seu namorado, que havia se tornado funcionário público no Brasil. Aproveitando o regime de licenças dos servidores públicos do país, ele veio ao Japão e passaram então a conviver. Pouco depois o casal teve o seu primeiro filho.

Em 2016, o novo governo brasileiro promoveu alterações no regime do funcionalismo, obrigando o marido a voltar ao serviço público. Foi a oportunidade para ela desligar-se da consultoria e imigrar para o Brasil com a família, em 2016. "Não foi uma escolha difícil, pois a gente já previa que em algum momento precisaríamos mudar a base da nossa vida para o Brasil", relembra o estado de espírito na época.

Para seus pais, ver a filha imigrando para outro país deve ter causado sentimentos complexos, mas "a minha família sempre respeitou as minhas vontades e me apoiou", comenta com gratidão. Na época em que trabalhava na consultoria, quando ela, exausta, telefonava chorando à noite para sua família, seus pais, preocupados, vinham às pressas para confortá-la, apesar do horário tardio. Quando souberam que Eri tinha um namorado brasileiro, seu pai chegou a ficar desconfiado, mas bastou um primeiro contato antes do casamento para mudar completamente. Depois, ele "foi só elogios", comenta.

Com a cerimônia de casamento realizada no Brasil, viajou do distante Japão para conduzi-la, de olhos marejados, ao altar.

Em março de 2017, cerca de um ano depois de imigrar para o Brasil, foi contratada pela Representação da JICA no Brasil (atual escritório de Brasília).

“No começo, tive dificuldades com trabalhos de AOD que enfrentava a nível operacional depois de muito tempo – além da compreensão dos projetos, desenvolver da forma adequada os procedimentos específicos da JICA necessários para executar as atividades, e, considerando tudo isso, manter uma comunicação em português com as nossas contrapartes. O simples ato de redigir um documento para o público externo já demandava um bocado de tempo”, comenta.

Com o tempo, foi se familiarizando com o trabalho, valendo-se da tenacidade que lhe era natural, e do esforço e criatividade para melhorar o seu trabalho, que fizeram com que se tornasse uma espécie de líder nas atividades envolvendo financiamento à assistência.

“A melhor parte de trabalhar num escritório local é, sem dúvida, acompanhar de perto a evolução dos trabalhos, poder estar presente no momento em que o projeto é concluído, ter contato pessoal com as nossas contrapartes no país e, às vezes, as comunidades locais beneficiadas”, comenta.

Uma oportunidade de vivenciar essa “melhor parte” foi a cerimônia de conclusão do projeto de melhorias de esgotamento sanitário no litoral de Santa Catarina, dentro do Programa de Saneamento Ambiental do Estado. Foi o evento de conclusão do primeiro lote de obras do Programa, que envolve diversas instalações de tratamento de esgoto. Devido a pandemia da COVID, a JICA participou online, mas enquanto participava, Eri lembrou os inúmeros desafios que o projeto envolveu.

As obras não só não fluíam como esperado como pararam diversas vezes. A cada interrupção, teve que discutir com os órgãos executivos e refazer alinhamentos com as divisões responsáveis na

Matriz. Não raramente o processo de licitação para selecionar a empreiteira que executaria o projeto era paralisado, escancarando as dificuldades de realizar projetos públicos no Brasil.

Foi dentro de um turbilhão de emoções que ela acompanhou a cerimônia de inauguração da primeira ETE. Quando o órgão executor brasileiro, ao fazer os seus agradecimentos aos responsáveis citou “Eri Taniguchi”, enquanto citava episódios contando as dificuldades do projeto, ela comenta que, sem que se desse conta, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Quando perguntada sobre o que a JICA significava para ela, Eri responde, sem pestanejar: “Direto e reto, o lugar ao qual pertencço”.

“Recapitulando a minha vida até aqui, desde o momento em que conheci a Bossa Nova através do programa de rádio, a experiência na Embaixada do Japão, o JBIC a indústria eletrônica, a empresa de consultoria, eu tenho a impressão de que tudo está conectado com o agora. Por exemplo, o know-how que cultivei no projeto para a indústria entrar no mercado brasileiro, pode parecer estranho, mas está sendo útil num projeto de financiamento internacional atual. As tantas vezes que já chorei e passei por dissabores, toda essa vivência, eu tenho a certeza que foram experiências necessárias para que eu pudesse trabalhar hoje aqui no escritório da JICA no Brasil”.

Talvez o seu encontro com a JICA tenha sido obra do destino.

Em outubro de 2021, a carreira de Eri na JICA chegou a um marco notável. Ela foi nomeada para o cargo de Coordenadora Geral de Projetos do escritório de Brasília, responsável por todos os projetos a cargo dessa regional.

“Até aqui, minhas atividades foram sobretudo na área de empréstimos para assistência e



Visita de inspeção ao projeto de melhorias no esgotamento sanitário do litoral de Santa Catarina

financiamento de projetos. Agora, como coordenadora, estou tendo a oportunidade de aprender sobre outras modalidades e áreas, como projetos de cooperação técnica, capacitações temáticas, assistência aos países africanos via cooperação tripartite, e mais.

“Todo dia, eu percebo vivamente como a amplitude do escopo dos projetos da JICA e como eles são mantidos por profissionais experientes e qualificados. Estou muito grata à JICA por ter me oferecido esta oportunidade”, comenta sorrindo.

“Como coordenadora, o volume de serviço aumentou, e passei a depender mais do meu marido na criação dos nossos filhos. Estou repleta de gratidão a ele por sempre me dar apoio”. Só que “ele às vezes reclama, ‘você não está trabalhando demais? Estamos no Brasil’ (rs)”, emenda.

“Conversamos sobre fazermos uma viagem à Europa assim que a criação dos nossos filhos chegar a um certo patamar”, conta Eri.

Toda a expectativa para que ela continue a crescer na JICA – o lugar, pelas suas próprias palavras, ao qual pertence – e continue produzindo muitos resultados no Brasil.



Momentos com a família



■ Eri Taniguchi

Nascida em Noda, província de Chiba. Signo: Leão. Casada com um brasileiro, com quem tem um casal de filhos.

Contratada pela JICA do Brasil em março de 2017. Atualmente é Coordenadora Geral de Projetos da Regional Brasília.

Seu hobby é praticar Pilates. Seu lazer recente, “depois de colocar as crianças para dormir, assistir a series estrangeiras enquanto bebo um pouquinho com queijos deliciosos para acompanhar”. Seu lema de vida, “Não existe noite que não termine com um amanhecer”.

A série- "História de pessoas que trabalham na JICA do Brasil" apresenta a equipe da JICA envolvida na cooperação internacional no Brasil. Ao focar a pessoa em si, compartilharemos a sua vida como ela é, não só em termos de trabalho, mas também na sua vida, família, episódios, etc.